

Sabrina Studart Fontenele Costa

Orientadora:

Profa. Dra. Maria Lúcia Bressan Pinheiro

P

RAIA DE IRACEMA e A  
REVITALIZAÇÃO DE SEU  
PATRIMÔNIO HISTÓRICO

RESUMO

A praia de Iracema se desenvolveu a partir da instalação do porto exportador de produtos cearenses e, apesar de pouco integrado à vida social do centro da cidade, foi fundamental para o crescimento econômico de Fortaleza. Depois da transferência desse equipamento para uma outra área da cidade, seus edifícios – armazéns e casas comerciais ligados às atividades portuárias – ficaram abandonados. Somente em meados da década de 90 a região começou a receber fortes investimentos governamentais – obras de grande porte que transformaram a realidade espacial da área. Em 1998, o governo do estado, buscando consolidar seu desempenho na área, estimulou a intervenção do Programa Cores da Cidade em diversos edifícios históricos da área. Assim, parte do patrimônio arquitetônico da área teve suas fachadas restauradas e seus interiores adaptados para usos novos, principalmente de lazer e turismo. A restauração dos antigos edifícios gerou uma forte especulação imobiliária que afastou parte da antiga classe artística e estimulou o aparecimento de bares, restaurantes e boates. Essas novas atividades contribuíram para consolidar a praia de Iracema como o maior pólo de turismo de Fortaleza. Este artigo busca realizar um breve panorama do tratamento dado ao patrimônio arquitetônico localizado na antiga área portuária de Fortaleza.

ABSTRACT

Iracema beach developed following the installation of a port designed to export products from the state of Ceará; in spite of not being part of the social life happening in downtown Fortaleza, it was fundamental for the economic growth of this city. When the port moved to another area of the city, some of its buildings – warehouses and trading offices associated with the port activities – were abandoned. Only in the mid 90s did the local government invest heavily in this area, building large projects that changed the area's spatial characteristics. In 1998, the state of Ceará government, encouraged *Programa Cores da Cidade* (Colors of the City Program) to renovate several historical buildings in an effort to consolidate its achievements in this area. Thus, part of the architectural patrimony had its façades restored and the interiors refurbished for new uses, mainly leisure and tourism activities. The renovation of the old buildings brought intense property speculation, which caused some of the former residents (mostly artists) to move away and attracted bars, restaurants and nightclubs. These new activities helped shape Iracema beach into the largest tourism hub in Fortaleza. This article provides an overview of the treatment given the architectural patrimony in the old port area of Fortaleza.

## BREVE HISTÓRICO DA ÁREA

O estudo da formação urbana da praia de Iracema encontra-se, diretamente, ligado ao desenvolvimento das atividades portuárias em Fortaleza. Nos primórdios de sua ocupação, já se verificavam dois núcleos de desenvolvimento – o centro e a praia – demarcados em mapas e cartas de diversos períodos.

O porto fora instalado em continuação ao núcleo de povoação original, após a margem do rio Pajeú, até então limite leste da pequena vila de Fortaleza. Até meados do século 19, suas instalações eram precárias e bastante ineficientes, contando, basicamente, com uma ponte e uma área de desembarque próxima à praia. Com o aumento de sua atividade, possibilitado pelo aumento das exportações de algodão, a área adquiriu feições de um porto típico. Alguns galpões, armazéns e comércio atacadista – que fornecia suporte e viabilidade à atividade portuária – começaram a ocupar a área entre o Seminário Episcopal e a praia, em uma região conhecida como Prainha.

A faixa litorânea se mostrava isolada do restante da cidade, sendo ligada ao núcleo central, principalmente, por duas vias – a rua da Alfândega e rua da Praia – e, no final do século 19, por um ramal ferroviário e uma linha de bonde.

*“O comércio de exportação ocupara as áreas entre a Sé e a Praia Formosa, dado apenas pela proximidade do porto de embarque, mas sem praticamente explorar as visuais para o mar, constituindo-se, na verdade, em uma barreira entre a Praia e o Centro da cidade.”* (ROCHA JR., 2000, p. 117)

Até o início do século 20, a então Prainha – como era denominada a faixa litorânea da praia de Iracema na época – tinha como principal atividade a exportação de algodão, café, couro e cera de carnaúba produzidas no Ceará. Era marcante, na paisagem do bairro, a presença dos edifícios do Seminário da Prainha e a Casa Boris. Este último, localizado na antiga travessa da praia (atual rua Boris), perpendicular à rua da Praia (hoje avenida Pessoa Anta), foi fundada em 1869, tendo como razão social a firma “Théodore Boris & irmão”, responsável pelo comércio e exportação de produtos cearenses.

Em meados da década de 20, a área começou a despertar o interesse das classes mais altas. A praia do Peixe, área litorânea mais a leste da praia de Iracema, marcada por um vasto coqueiral, passou a ser vista como espaço de lazer da elite fortalezense. O local foi ocupado por casas de veraneio das famílias mais ricas e teve seu nome mudado para praia de Iracema. Esse espaço da cidade, antes famoso pela presença dos pescadores, passou a ser um dos cartões-postais de Fortaleza por sua beleza natural.

Nessa mesma época, já se discutia a retirada do porto da área, considerada muito próxima ao centro. Segundo os especialistas, o lugar mais adequado era a enseada do Mucuripe, a leste do centro da cidade. Essa transferência só aconteceu no final da década de 40. Ainda segundo Rocha Jr., *“as implicações com a construção do Porto do Mucuripe interrompiam três décadas de glória, destruindo a privilegiada paisagem praiana, restando apenas pequenos trechos de praia utilizáveis”* (ROCHA JR., 2000, p. 119). Em consequência disto, ocorreram

diversas alterações nos usos do solo, pois a ocupação típica da área era justificada pela adjacência ao porto. Diversos armazéns e casas comerciais ligados às exportações foram abandonados, algumas residências antigas passaram a ser ocupadas por usuários mais pobres e outros edifícios tiveram prostíbulos instalados. O entorno do ramal ferroviário da praia de Iracema passou a ser ocupado por população de baixa renda, formando a Favela do Poço da Draga (SCHRAMM, 2001).

Erros na construção do novo porto deram início a um processo de assoreamento da faixa de praia a oeste, passando a representar uma ameaça às casas de veraneio.

*“A destruição de parte do casario e a drástica redução da faixa de praia iriam provocar o abandono dos usos que lá se verificavam: o balneário entrou em decadência e os pescadores, em sua maioria, partiram para outras praias.”* (SCHRAMM, 2001, p. 43)

O bairro foi, durante muitos anos, caracterizado como residencial e habitado, principalmente, por uma população de classe média baixa. No início dos anos 70, a praia de Iracema iniciou uma mudança em seu quadro de estagnação, quando os intelectuais e artistas fortalezenses escolheram os bares lá existentes como reduto da boemia (SCHRAMM, 2001).

No final dos anos de 1980, intensificou-se o processo de mudança no uso e ocupação do bairro. Nesse período, por forte pressão popular, a praia de Iracema foi reconhecida como patrimônio histórico da cidade pela aprovação de uma lei que designava a área como Zona Especial (ZE) – Área de Interesse Urbanístico. Esta estabelecia diretrizes que tentavam compatibilizar o uso residencial e de lazer no bairro e procuravam deter o processo de verticalização, o qual já acontecia em toda a cidade (SCHRAMM, 2001).

## LEGISLAÇÃO E PATRIMÔNIO DA ÁREA

A Câmara dos Vereadores de Fortaleza aprovou, em 29 de agosto de 1995, a lei a regulamentar o uso e ocupação do solo na praia de Iracema. Assim, o bairro foi dividido em três setores para os quais foram estabelecidas diferentes normas de ocupação.

O setor 01 abrange a área do Poço da Draga e o entorno do qual foi implantado o Centro Dragão do Mar. Por ser considerada de *revitalização urbana*, é permitido que as construções ali existentes – grande parte construída na década de 10 – sejam derrubadas e substituídas por edifícios de até 16 andares. Também deve ser incentivada a implantação dos usos habitacional, cultural, de lazer e de hotelaria. O setor 02 foi considerado *área de preservação* e corresponde à rua dos Tabajaras e adjacências, entre a Ponte dos Ingleses e a Igreja de São Pedro. O setor 03 foi destinado à *renovação urbana* – abrange as quadras ao norte da avenida Historiador Raimundo Girão até a rua Idelfonso Albano – e incentiva os usos habitacional e de hotelaria.

É importante destacar que a legislação não define, formalmente, os termos *renovação e revitalização urbana*, embora seja possível compreender o que se pretende por meio daquilo que se pode e não se pode fazer em cada setor. Aliás, nesse sentido, o que se define como “área de revitalização” deveria ser denominado “área de renovação”, pois se pretende substituir as edificações existentes.

Com relação, ainda, à noção de *preservação urbana*, a legislação esclarece: “*envolve a manutenção do ambiente, no tocante ao parcelamento do solo, à volumetria e às características das edificações e às relações entre o espaço edificado e o espaço não edificado*” (LEI N. 7814, de 30/10/1995). Porém, a lei ignora o valor das edificações do setor 01 como registro histórico das atividades do antigo porto e como patrimônio cultural da cidade. Valoriza apenas as edificações próximas ao calçadão da praia de Iracema (setor 02).

## A VALORIZAÇÃO DO BAIRRO

Após a aprovação da legislação da área, iniciou-se, no bairro, uma série de obras que interferiram diretamente sob o patrimônio cultural arquitetônico de maneira a reforçar o caráter histórico da praia de Iracema. A primeira delas foi a reconstrução de um dos edifícios mais significativos da história do bairro, o Estoril, pela prefeitura municipal. Este antigo casarão – construído na década de 20 – fora destinado ao clube dos oficiais americanos, na Segunda Guerra Mundial, e

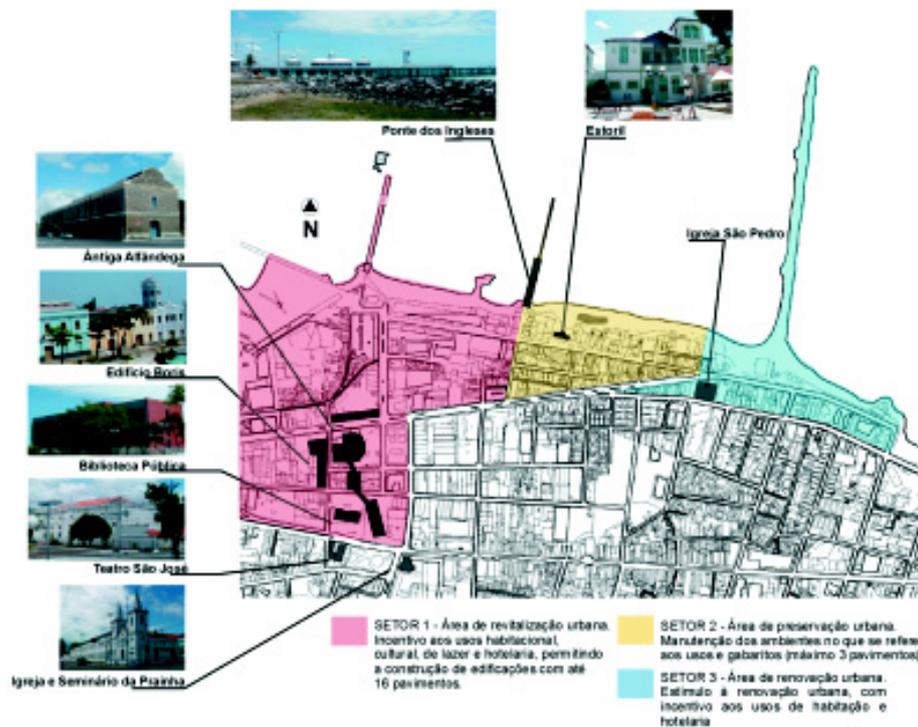


Figura 1: Praia de Iracema: legislação e principais edifícios históricos  
Créditos: Sabrina S. Fontenele Costa

durante várias décadas foi um dos principais focos de boemia do bairro. Após um longo período de abandono, em 1994, devido ao mau estado de conservação e às fortes chuvas ocorridas na cidade, parte do prédio desabou. A prefeitura municipal decidiu por sua reconstrução, seguindo as mesmas características do edifício original. Ali foi instalado um espaço cultural em seu interior.

O governo do estado também iniciou obras de intervenção na praia de Iracema, entre elas a reforma da antiga Ponte dos Ingleses, em 1994. Construída na década de 20, ela foi assim chamada em uma alusão à firma responsável pela obra. Os arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon – responsáveis pelo novo projeto – implantaram naqueles 130 metros de plataforma quiosques com diversas funções: informações turísticas, venda de artesanato, sorveteria, etc. A ponte funciona ainda como um belvedere de apreciação da orla marítima.

Essas intervenções também contribuíram na transformação da tipologia arquitetônica do bairro. Segundo Schramm,

*“observam-se maiores mudanças na aparência de muitas edificações, novas ou já existentes, especialmente nas proximidades da rua dos Tabajaras, as quais passam a apresentar elementos arquitetônicos inspirados em modelos antigos ou numa mistura de estilos, resultando numa paisagem artificial, estranha aquele lugar”* (SCHRAMM, 2001, p. 55).

Apesar das mudanças na área adjacente à faixa de praia, os espaços entre o velho cais e o centro antigo – setor oeste do bairro – permaneciam degradados e com vários casarões desocupados e em ruínas. No final da década de 90, nessa região, foi construído o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura pelo governo do estado. Seu extenso programa arquitetônico previa a construção de salas de cinema, teatro, museus e outros espaços culturais em quadras nas quais, anteriormente, existiam galpões e sobrados relacionados à atividade portuária original da área. Muitos desses sobrados são remanescentes do século 19 e encontravam-se bastante descaracterizados.

## TRANSFORMAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO DA ÁREA

A *Carta de Veneza*, em 1964, já afirmava em seu artigo 1º:

*“A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.”* (IPHAN, 1995, p. 109)

Até meados da década de 90, a área marcada pela presença dos antigos galpões portuários esteve em estado de abandono e degradação. Somente ao final da obra do Centro Cultural Dragão do Mar foi divulgada uma notificação de pré-tombamento da área, publicada nos classificados do jornal *O Povo*, em 01 de dezembro de 1997:

*“Artigo 14, inciso IV, e 16, inciso VII da Constituição do Estado do Ceará Lei n. 9109, de 30 de julho de 1968, considerando necessário a requalificação da área de entorno onde está sendo implantado o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, formado pelas edificações relacionadas o anexo deste edital, FAZ SABER aos proprietários dos respectivos imóveis que esses se encontram em processo de tombamento” (O POVO, 01/12/1997).*

O arquiteto Francisco Veloso, à frente do Departamento de Patrimônio Cultural (DEPAC) na época do anúncio, afirmou que, devido à pressão dos proprietários de imóveis, o tombamento da região não foi concluído<sup>1</sup>. Mas se resolveu investir em sua recuperação.

## O PROJETO CORES DA CIDADE

O Projeto Cores da Cidade, em Fortaleza, foi uma parceria entre o governo do estado, Tintas Ypiranga e Fundação Roberto Marinho, e teve como objetivo *“mobilizar e conscientizar a população para a preservação dos conjuntos urbanísticos das principais cidades brasileiras e resgatar seu passado histórico”*<sup>2</sup>. O programa foi implantado em áreas centrais de outras capitais como Curitiba, Recife e Rio de Janeiro.

No caso de Fortaleza, a Secretaria de Cultura do Estado indicou a intervenção em uma área que abrangia quase todo o centro histórico. Porém, a Fundação Roberto Marinho decidiu priorizar os galpões da praia de Iracema de maneira a aproveitar o impacto do Centro Dragão do Mar sobre a área<sup>3</sup>. Um total de 56 imóveis, entre sobrados e armazéns típicos de regiões portuárias, participaram da primeira etapa do programa. Seus limites eram as avenidas Pessoa Anta, Almirante Jaceguai, José Avelino e a rua Boris, no entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. É necessário fazer uma crítica à seleção dos imóveis para o Programa Cores da Cidade, quando se ignorou edifícios de grande valor histórico, arquitetônico e cultural localizados a poucos metros do Centro Dragão do Mar – como a igreja e o Seminário da Praia, Teatro São José, etc.

Os patrocinadores do projeto ficariam responsáveis por fornecer o material e a orientação técnica para a obra, enquanto os donos dos imóveis deveriam financiar a mão-de-obra para a execução. O escritório de arquitetura Oficina de Projetos foi selecionado pela Secretaria de Cultura para propor as reformas e acompanhar as obras nos imóveis.

O arquiteto Francisco Veloso, chefe do DEPAC na época do projeto, esclarece:

*“As pessoas ficam perguntando assim: ‘mas essas cores eram originais?’ Não, foram feitas prospecções nessas edificações, foram detectadas suas cores originais. Originalmente, nós sabemos a limitação cromática era muito grande, você tinha 3 ou 4 cores e pronto. Hoje você tem uma infinidade de cores. Por outro lado, um dos grandes parceiros, talvez o maior parceiro deste projeto foi a AkzoNobel que é uma multinacional da Tintas Ypiranga. Nada mais justo que ela fizesse daqui um grande show-room do seu produto. Competiu aos arquitetos*

(1) Informação obtida a partir de entrevista com o arquiteto Francisco Veloso, em agosto de 2003.

(2) Declaração retirada do site oficial da empresa: [www.ypiranga.com.br/cores.htm](http://www.ypiranga.com.br/cores.htm).

(3) Informação obtida a partir de entrevista com o arquiteto Francisco Veloso.

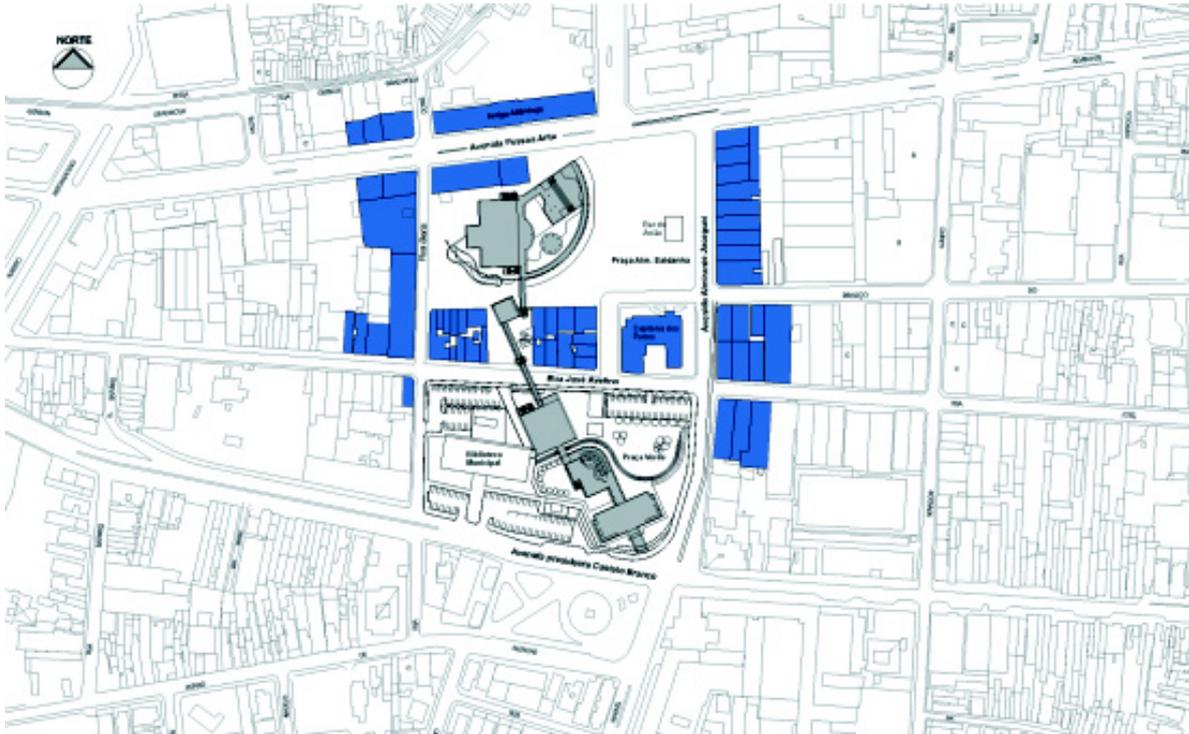


Figura 2: Centro Dragão do Mar e edifícios selecionados pelo Programa Cores da Cidade  
Crédito: Sabrina S. Fontenele Costa

Figura 3: Casarões da praia de Iracema depois da intervenção do Programa Cores da Cidade  
Crédito: Sabrina S. Fontenele Costa (agosto/2003)



Figura 4: Interior dos edifícios que sofreram intervenção do Programa Cores da Cidade  
Crédito: Sabrina S. Fontenele Costa (agosto/2003)



*daqui buscar uma proposta cromática que destacasse essas edificações, que valorizasse seus elementos arquitetônicos e fosse harmonioso. Quanto a ser a cor original, a gente entra nesta analogia. Amanhã ou depois as edificações podem ser pintadas com outras cores.”<sup>4</sup>*

Sobre o encaminhamento do projeto em Fortaleza, os arquitetos do “Oficina de Projetos” afirmam:

*“O primeiro passo dentro da metodologia a ser aplicada foi conhecer a história do lugar, suas transformações, evolução arquitetônica, seu contexto e o repertório da cidade onde foi gerado este conjunto. Iniciou-se o trabalho com a elaboração de um inventário arquitetônico e de deterioro para cada imóvel com preenchimento de fichas catalográficas para criar um banco de dados. Nestas fichas, se anotaram as características morfológicas de cada edifício, dos seus elementos compositivos e se executaram prospecções em alguns pontos pré-determinados para garantir as hipóteses sobre algumas das alterações. Foram executados prospecções estratigráficas que nos revelaram as cores originais, que nortearam de forma inequívoca o nosso projeto.”<sup>5</sup>*

A partir dessas informações, uma série de desenhos foi apresentada aos proprietários os quais se encarregaram de executá-las. Sobre a escolha das cores nas fachadas dos edifícios, o escritório ainda afirma que seus critérios levaram em conta quatro aspectos: fator estilístico (códigos de construção de cada época, lugar ou estilo), pesquisa arqueológica, uso e o contexto urbano atual. Mas revelam:

*“Além dos fatores técnicos, estéticos e históricos, outro fator importante que determinou em muitos casos a escolha das cores de cada imóvel foi o desejo e a opinião de cada proprietário, ou inquilino. Tendo em conta todos estes elementos decidimos que deveríamos optar por cores fortes, jogando com a possibilidade que nos permite a ampla gama das tintas Ypiranga e manter uma coerência cromática, mas sem purismo mal entendido, já que as cidades históricas, incluindo-se o centro de Fortaleza, foram dotadas de uma sutil e vibrante policromia. Tratamos de criar uma gramática da cor, para dar esplendor a sua linguagem.”<sup>6</sup>*

A partir de fotografias antigas, os arquitetos propuseram a recomposição de elementos decorativos das fachadas com desenhos e utilizaram reboco com cal para refazê-los.

As práticas de intervenção utilizadas nessa área da praia de Iracema são polêmicas e podem levantar algumas discussões. Os arquitetos assumiram que se deveria optar pelas possibilidades oferecidas pelas técnicas modernas, quando decidiram pela escolha das cores, mas preferiram recompor os elementos arquitetônicos, sem os diferenciar dos originais. Já esclarecia a *Carta de Veneza*, em seu artigo 12: “os elementos destinados a substituir as partes faltantes devem integrar-se harmoniosamente ao conjunto, distinguindo-se, todavia, das partes originais a fim de que a restauração não falsifique o documento de arte e de história” (IPHAN, 1995, p. 111). Todavia, nesses edifícios não é explícita a diferenciação entre o que foi reconstruído e o que sofreu restauração.

Semelhante ao que ocorreu em outras cidades brasileiras, o resultado final do Programa Cores da Cidade foi a recuperação parcial dos edifícios: enquanto as

(4) Entrevista realizada pela autora com o arquiteto Francisco Veloso, em 12 de agosto de 2003.

(5) Informações retiradas do site do escritório: [www.ofipro.com.br](http://www.ofipro.com.br).

(6) Idem.

fachadas foram pintadas e seus elementos ornamentais recompostos, os interiores permaneceram degradados.

Cada proprietário ficou encarregado de intervir em seu edifício da maneira que desejasse e, em muitos casos, os imóveis sofreram fortes intervenções, acabando por descaracterizar o aspecto original de seus interiores.

Em alguns deles, foram criados mezaninos ou mesmo vários andares – aproveitando os altos pés direitos dos imóveis – com diversos desenhos arquitetônicos e estruturas de sustentação. É importante ainda informar que os proprietários não receberam nenhum tipo de benefício tributário, como ocorreu em outras cidades onde o Cores da Cidade atuou.

Era ainda proposta do Programa Cores da Cidade sugerir a transformação dos usos nesses imóveis, mas isto não aconteceu. Muitos proprietários dos imóveis aproveitaram-se da supervalorização provocada pelas reformas do Programa Cores da Cidade e passaram a aumentar os preços dos aluguéis ou instalaram atividades mais lucrativas. É relevante apontar, aqui, uma das recomendações das Normas de Quito:

*“Da mesma forma, deve-se tomar em consideração a possibilidade de estimular a iniciativa privada, mediante a implantação de um regime de isenção fiscal nos edifícios que se restaurem com capital particular e dentro dos regulamentos estabelecidos pelos órgãos competentes. Outros encargos fiscais podem também ser estabelecidos como compensação às limitações impostas à propriedade particular por motivo de utilidade pública.” (IPHAN, 1995, p. 141)*

## TRANSFORMAÇÃO NOS USOS DO BAIRRO

Foi realizado, no mês de fevereiro de 2003, um levantamento geral do uso, ocupação e estado de conservação dos imóveis próximos ao Centro Dragão do Mar, entre eles, os incorporados ao Programa Cores da Cidade. Infelizmente, não foi realizado nenhum levantamento semelhante, antes ou depois da implantação do centro cultural, pelos órgãos de planejamento municipal e estadual, outra instituição ou organização. Mas foi possível constatar que grande parte dos edifícios reformados não acolhe funções relacionadas à produção cultural ou à habitação, porém passou a receber atividades voltadas ao lazer e turismo: lojas, restaurantes, bares, casas de espetáculos, entre outros.

Uma consequência direta dessas transformações foi a forte especulação imobiliária que se impulsionou e expulsou uma parte dos antigos moradores e usuários do bairro. Aproveitando o novo sucesso comercial, proprietários de imóveis da região aumentaram seus aluguéis e abriram novos espaços destinados ao comércio e lazer. José Tarcísio, artista plástico e antigo morador da área, relata:

*“Há mais de 20 anos moro e trabalho em um dos galpões do calçadão do centro cultural. Mas hoje a gente vive com a barba de molho. Tive 100% de aumento no aluguel do meu ateliê e vivo no meio de uma feira: as mesas e cadeiras dos bares invadiram o lugar dos transeuntes; cada um deles apresenta*

*um tipo diferente de música ao vivo, às alturas, promovendo uma ensurdecidora cacofonia. (...) Isso preocupa o artista, que esperava ter ali um corredor cultural e agora está sendo progressivamente expulso da área.”* (O POVO, em 24/01/2001)

Medidas de proteção aos usuários da região deveriam ter sido tomadas. Já em 1967, as Normas de Quito estabeleciam:

*“É evidente que, na medida em que um monumento atraia a atenção do visitante, aumentará a demanda de comerciantes interessados em instalar estabelecimentos apropriados à sua sombra protetora. Essa é outra consequência previsível da valorização e implica a prévia adoção de medidas reguladoras que, ao mesmo tempo em que facilitem e estimulem a iniciativa privada, impeçam a desnaturalização do lugar e a perda das finalidades primordiais que se perseguem.”* (IPHAN, 1995, p. 133)

A restauração de edifícios por meio do Programa Cores da Cidade não estimulou a melhoria dos espaços urbanos do entorno do Centro Dragão do Mar, inclusive, em alguns casos, contribuiu para o agravamento de alguns problemas. Com o aumento do número de estabelecimentos comerciais, calçadas e áreas públicas são utilizadas para instalar cadeiras e mesas, o que dificulta a circulação de pedestres em diversas áreas. Além da ocupação do espaço público, a existência de inúmeros bares, restaurantes e “casas de shows”, na região, promove poluição sonora. Painéis e letreiros luminosos, instalados em diversos pontos, também comprometem a paisagem urbana.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso das transformações da antiga área portuária de Fortaleza é semelhante a muitos outros que aconteceram no Brasil, entre eles, o Pelourinho e Recife. São tentativas de intervir em áreas históricas em processo de degradação por meio de iniciativas superficiais, investindo recursos financeiros em medidas paliativas, sem vinculá-las a um planejamento urbano mais amplo para a área em particular, e/ou para a cidade como um todo.

Na praia de Iracema, muitos dos imóveis estavam abandonados e em estado de ruína antes da realização do Programa Cores da Cidade. A pintura e a recomposição das fachadas contribuíram para a conservação desses edifícios por mais algum tempo e estimularam sua utilização, mas não contribuíram para diversificar os usos da região. Tal procedimento resulta na criação de um grande cenário, que pode, eventualmente, remeter-nos a um belo conjunto arquitetônico, mas não necessariamente fiel àquele previamente existente. Assim, percebe-se que, nas intervenções arquitetônicas mais atuais, as normas de restauro, entre elas, a famosa *Carta de Veneza*, não parecem ser levadas muito em conta, principalmente quanto à documentação, distinguibilidade e respeito às características originais. Choay trata a questão de maneira interessante:

“Pensava-se que eram universalmente reconhecidas as regras de restauração formuladas por Boito, em especial aquela que manda indicar de forma clara todas as intervenções modernas, e de que se encontram magistrais demonstrações em todo mundo. (...) Todos esses princípios, regras e preceitos, devidamente argumentados e refinados nos últimos cem anos, pareciam estar plenamente estabelecidos, fora de qualquer questionamento. Mera ilusão. Reconstituições ‘históricas’ ou fantasiosas, demolições arbitrárias, restaurações inqualificáveis tornam-se formas de valorização corrente.” (CHOAY, 2001, p. 213)

Em busca de uma cidade com imagens interessantes, cada vez mais a herança patrimonial dos centros urbanos é ameaçada pelas tentativas de “valorização” sem os cuidados necessários. Acaba por perder-se, assim, aquele que constitui, talvez, seu mais importante atributo: a identidade local, capaz de estimular importantes vínculos entre as populações e seus espaços, contribuindo para reforçar a dimensão simbólica tipicamente urbana, em favor de um padrão preestabelecido – e homogeneizado – do que deve ser um “*centro histórico*” e um “*bem cultural*”.

O grande desafio das intervenções atuais em nossas cidades é viabilizar propostas que sejam viáveis a longo prazo e garantam a perpetuação de sua cultura local, indissociável do patrimônio histórico.

## BIBLIOGRAFIA

- BOITO, Camillo. *Os restauradores*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.
- BRANDI, Cesari. *Teoría de la restauración*. Madri: Alianza Editorial, 1995.
- CARTAXO, Joaquim. As cores e o Dragão. In: *A cidade factual*. Fortaleza: Editora Universidade Federal do Ceará, 2000.
- CASTRO, José Liberal de. Aspectos da arquitetura no nordeste do país. In: *História geral da arte no Brasil*. São Paulo: Instituto Walther Moreira Salles/Fundação Djalma Guimarães, 1983.
- \_\_\_\_\_. Cartografia urbana fortalezense na colônia e no império e outros comentários. In: *Prefeitura Municipal de Fortaleza. A administração Lucio Alcântara: março 1979/maio 1982*. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Fatores de localização e de expansão da cidade de Fortaleza*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, 1977.
- CENTRO DE CONSERVAÇÃO INTEGRADA URBANA E TERRITORIAL. *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2002.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 2001.
- CONSERVAÇÃO URBANA. Disponível em: <[www.urbanconservation.org](http://www.urbanconservation.org)>. Acesso em: 15 nov. 2005.
- DIÁRIO DO NORDESTE. *Fortaleza tem patrimônio histórico destruído*. 25 ago. 2002.
- ESTADO DE S. PAULO. *Dragão do Mar inova traçado urbano e revitaliza Iracema*. 19 jan. 1999.
- FEILDEN, Bernard M. *Conservation of historic buildings*. Great Britain: Butterworth & Co, 1982.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Cartas Patrimoniais*. Brasília: Ministério da Cultura/ IPHAN, 1995.
- \_\_\_\_\_. Disponível em: <[www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br)>. Acesso em: 20 nov. 2005.
- JOKILEHTO, Jukka. Conceitos e idéias sobre conservação. In: *Gestão do patrimônio cultural integrado*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

KUHL, Beatriz Mugayar. *Preservação da arquitetura do ferro em São Paulo*. 1996. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1996.

PEREIRA, Liana Maria Viana. *Transformações urbanísticas no entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura – O Projeto Cores da Cidade*. Relatório final de iniciação científica do PIBIC. Fortaleza, 2002, mimeo.

OFICINA DE PROJETOS. Disponível em: <[www.ofipro.com.br](http://www.ofipro.com.br)>. Acesso em: 10 nov. 2005

O POVO. *Polêmica da cultura*. 5 ago. 1998.

\_\_\_\_. *Freqüentadores do Dragão querem preservar o local*. 28 mar. 2000.

\_\_\_\_. *De olho no entorno do Dragão*. 23 jan. 2001.

\_\_\_\_. *Em torno do Dragão*. 24 jan. 2001.

\_\_\_\_. *Para pensar a cidade*. 10 fev. 2001.

PROJETO E DESIGN. *Edifícios culturais unidos por passarelas metálicas convivem com o casario antigo na zona portuária*. São Paulo: Arco Editorial Ltda., n. 233, p. 60-67, 1999.

RIEGL, Alois. *Le culte moderne des monuments. Son essence et sa genèse*. Paris: Editions du Seuil, 1984.

ROCHA JR., Antônio Martins. *O turismo globalizado e as transformações urbanas do litoral de Fortaleza. Arquitetura e estetização da praia de Iracema*. 2000. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2000.

RUSKIN, John. *Siete lámparas de la arquitectura*. Buenos Aires: Editora Ateneo, 1956.

SCHRAMM, Solange Maria de Oliveira. *Território livre de Iracema: só o nome ficou? Memórias coletivas e a produção do espaço na Praia de Iracema*. 2001. Dissertação (Mestrado em sociologia) – Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2001.

SECRETARIA DE CULTURA DO ESTADO DO CEARÁ. Disponível em: <[www.secult.ce.gov.br](http://www.secult.ce.gov.br)>. Acesso em: 20 nov. 2005.

TINTAS YPIRANGA. Disponível em: <[www.ypiranga.com.br/cores.htm](http://www.ypiranga.com.br/cores.htm)>. Acesso em: 20 nov. 2005

## PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

Requalificação, áreas históricas, intervenção urbana.

*Revitalization, downtown, urban intervention.*

**Obs.:** Artigo baseado em dissertação de mestrado, defendida em fevereiro de 2004 pela autora.

Título da dissertação: “Intervenções na cidade existente. Um estudo sobre o Centro Dragão do Mar e a Praia de Iracema”.

---

### Sabrina Studart Fontenele Costa

Arquiteta e urbanista pela Universidade Federal do Ceará e mestre em Estruturas Ambientais e Urbanas pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.